

**JULIÃO QUINTINHA (1885-1968) E “O DESLUMBRAMENTO DO  
EGIPTO” EM *TERRAS DO SOL E DA FEBRE* (1932). CRÓNICAS  
DE VIAGEM COM O EGITO ANTIGO EM FUNDO**  
**JULIÃO QUINTINHA (1885-1968) AND “O DESLUMBRAMENTO  
DO EGÍPTO” IN *TERRAS DO SOL E DA FEBRE* (1932).**  
**TRAVEL CHRONICLES WITH THE ANCIENT EGYPT IN THE  
BACKGROUND**

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES  
jose.sales@uab.pt  
Universidade Aberta, CHUL  
<https://orcid.org/0000-0003-1087-1478>

SUSANA MOTA  
Susana-mota@hotmail.com  
Investigadora Independente  
<https://orcid.org/0000-0002-4819-6239>

Texto recebido em / Text submitted on: 27/01/2020  
Texto aprovado em / Text approved on: 18/12/2020

**Resumo:**

Entre 1925 e 1927, Julião Quintinha (1885-1968), um reconhecido jornalista e escritor português, fez um périplo pelo continente africano, visitando as antigas colónias portuguesas, o Egito, o Índico e os mares Mediterrâneo e Vermelho, em consequência do qual deixou vasta documentação e informação, em forma ficcionada ou em narrativas resultantes da sua vivência, observação e reflexão, sendo considerado o pioneiro da literatura de temática colonial. Entre os vários

títulos de sua autoria, destacamos a obra de 1932 intitulada *Terras do Sol e da Febre* onde, em resultado da sua visita ao Egito, o Autor deixou um olhar crítico e esclarecido sobre a antiga civilização egípcia. Através do último capítulo, «O deslumbramento do Egito», recolheremos e enquadraremos as suas impressões sobre o «legendário Egito». Através da sua narrativa, captaremos a representação e memória do «supremo encanto do Egito (...) de Cleópatra e dos faraós», bem como a receção da sua identidade.

**Palavras-chave:**

Julião Quintinha; *Terras do Sol e da Febre*; crónicas de viagem; jornalismo; Egito antigo.

**Abstract:**

Between 1925 and 1927, Julião Quintinha (1885-1968), a renowned Portuguese journalist and writer, traveled through Africa, between 1925 and 1927, visiting the Portuguese colonies, the Egypt, the Indian Ocean, and the Mediterranean and Red Seas. Thereafter, he left extensive documentation and information, either fictional or narrative, resulting from his experience, observation, and reflection, being, therefore, considered the pioneer of colonial literature. Among his various works, we highlight the one dated from 1932, entitled *Terras do Sol e da Febre* in which, as a result of his visit to Egypt, the Author shares a critical and enlightened look at the ancient Egyptian civilization. Through the last chapter, “O deslumbramento do Egito”, we will collect and frame his insights on the “legendary Egypt”. Through his narrative, we will capture the representation and memory of the “supreme enchantment of the Egypt (...) of Cleopatra and the Pharaohs”, as well as the reception of its identity.

**Keywords:**

Julião Quintinha; *Terras do Sol e da Febre*; chronicles about travels; jornalismo; ancient Egypt.

No decorrer do Projeto de Investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, dedicado à identificação, recolha e análise das notícias publicadas nos periódicos portugueses sobre a descoberta e escavação do túmulo do faraó Tutankhamon, recolhemos uma notícia, publicada a 24 de março de 1939 no jornal *República (Série II)*, com o título «Os misteriosos sarcófagos do Egito», da autoria de Julião Quintinha.

Esta notícia, acompanhada por uma ilustração com as pirâmides de Guiza, legendada «A paisagem clássica do Egito, com o Nilo correndo por uma paisagem onde, no fundo, se desenha a sombra sempre misteriosa das pirâmides» (figura 1), escrita no seguimento da descoberta dos túmulos reais de Tânis, no início de 1939, pela mão do arqueólogo francês Pierre Montet (1885-1966), tem na verdade como mote o túmulo de Tutankhamon descoberto 17 anos antes, em novembro de 1922, e, essencialmente, a visita do Autor ao Cairo, em 1927, que lhe permitiu admirar já no Museu Egípcio local algumas das peças recolhidas no túmulo, como ele próprio explica:

De todos esses maravilhosos tesouros funerários até hoje descobertos, sem dúvida, o mais rico, o mais belo, é o de Tut-Ankh-Amon. Tive ocasião de o admirar quando, em 1927, estive no Cairo. Todas as preciosidades que se amontoavam no pomposo jazigo do rei defunto, e lhe tinham servido em vida, haviam sido transportadas de Tebas e só começaram a ser expostas ao público em 1926, no museu do Egíto.

De seguida, desafiando a imaginação dos leitores portugueses, alude às «centenas de vitrinas» do Museu que expunham objetos dos mais variados materiais, destacando a peça que estava na «vitrina 29» («o terceiro ataúde de ouro maciço, que continha a múmia real») e «a máscara de ouro maciço que cobria o rosto da múmia real». Merecem-lhe ainda referência uma das camas cerimoniais de Tutankhamon, o seu trono, cofres, diademas e estátuas, luvas e sandálias, amuletos e «milhares de insígnias reais», para terminar com um estimulante: «Ao sair do museu temos a impressão de despertar de um sonho...».

Foi, portanto, esta notícia de 1939, com a referência a esta viagem ao Egito, que chamou a nossa atenção para este Autor e nos levou a pesquisar mais sobre ele e a sua obra, em particular sobre a que resulta diretamente da aludida deslocação ao Egito.

Assim, vamos seguidamente apresentar brevemente este Autor, contextualizar a sua viagem a África e as obras que dela resultaram, em particular a última onde está incluída a descrição da estadia no Egito, e principalmente traçar os principais contornos do olhar deste Autor sobre este país africano, a sua história e os seus monumentos.



*A paisagem clássica do Egípto, com o Nilo correndo por uma paisagem onde, ao fundo, se desenha a sombra sempre misteriosa das pirâmides*

Figura 1 – Ilustração legendada que acompanha a notícia «Os misteriosos sarcófagos do Egípto», da autoria de Julião Quintinha (*República. Série II*, 24.03.1939 p.5).



Figura 2 – Julião Quintinha (1885-1968).

## O Autor

Julião Quintinha nasceu em Silves, a 19 de dezembro de 1885, e aí viveu até 1920, quando partiu, aos 35 anos, para Lisboa, onde viria a falecer com 82 anos de idade, a 23 de julho de 1968 (figura 2). Ainda em Silves, trabalhou como operário e como alfaiate, e, como convicto militante e ativo republicano e democrata que era, exerceu também vários cargos públicos, designadamente como membro da Comissão Administrativa da Misericórdia de Silves (1911-1915), administrador dos concelhos de Portimão e Silves (1912-1914), Secretário Interino da Câmara Municipal de Silves (1913-1915) e chefe de secretaria da Câmara Municipal de Silves (1915-1920).

A sua ligação ao jornalismo começou cedo, ainda em Silves, fundando e dirigindo, em 1911, juntamente com Henrique Martins, o semanário regional *Alma Algarvia*, uma das grandes referências do jornalismo republicano e anti-clerical algarvio, de grande circulação<sup>(1)</sup>, mas foi em Lisboa que ingressou na imprensa profissional, convivendo com os grandes nomes do jornalismo, das letras e das artes da época (Duarte 2010: 527, 528). Trabalhou em vários jornais e revistas regionais, nacionais e estrangeiros, quer como jornalista / redator quer como chefe de redação. A título de exemplo, podem referir-se *A Batalha*, *O Século*, *o Diário da Tarde*, *o Diário Popular*, *O Diabo*, *a Mala da Europa*, *o Actualidades* e *o Diário Liberal*, a II série da revista *Alma Nova* e a *Contemporânea* e ainda *o Diário da Noite*, *o Jornal da Europa*, *o República* e a *Seara Nova*, entre muitos outros (Duarte 2010: 27, notas 781 e 782; Lisboa 1994; Marques 1971: 181, 182)<sup>(2)</sup>. Neste âmbito, desempenhou ainda um importante papel na direção das associações que deram origem à Casa da Imprensa de Lisboa e pertenceu a Comissões do Sindicato dos Profissionais da Imprensa que fundou (1924) e a que presidiu.

Quintinha notabilizou-se igualmente enquanto escritor, tendo publicado diversos livros de diferentes tipos (contos, novelas, peças de teatro, estudos literários e ensaios, reportagens). Escreveu obras

---

(1) O *Alma Algarvia* publicou-se, em três séries, entre 1911 e 1917. Já antes, em 1909, Julião Quintinha editara em Silves o *Chelbe*, jornal literário e comemorativo, em homenagem aos promotores do Teatro Silvense, com um único número a 9 de agosto (Marques 1971: 159).

(2) A colaboração jornalística de Julião Quintinha estendeu-se a jornais do Brasil (*Tribuna*, de Santos), de Moçambique (*Diário de Notícias*, de Lourenço Marques) e de Angola (*Província de Angola*, de Luanda), bem como a periódicos de diversas localidades do país.

de cariz político-social e romances, mas destacou-se principalmente pela literatura ou crónicas de viagens classificadas sob a designação de «literatura de temática ultramarina», sendo nesse campo referido como um dos maiores valores do jornalismo e da literatura colonial portuguesa. Julião Quintinha é mesmo considerado um pioneiro desta literatura em Portugal, tendo até sido por três vezes consecutivas, em 1928, 1929 e 1930, premiado com o Prémio de Literatura Colonial, instituído pela Agência-Geral das Colónias: em 1928, obteve o terceiro lugar com *África Misteriosa: crónicas e impressões duma viagem jornalística nas colónias da África portuguesa*; em 1929, o segundo lugar, com *Oiro africano: crónicas e impressões duma viagem jornalística na África Oriental portuguesa (exaequo com Augusto Casimiro)*; para, em 1930, obter o primeiro lugar com *A Derrocada do Império Vátua e Mousinho de Albuquerque*, livro de história aliado à reportagem viva, escrito em colaboração com Francisco Toscano (1873-1943), onde enfatiza o papel de Mousinho de Albuquerque, que, como indica numa outra obra (*Terras do Sol e da Febre*), encara e descreve como «a maior personalidade colonial contemporânea, em toda a sua grandeza trágica.» (10).

## África

A relação de Julião Quintinha com África e com as colónias portuguesas em particular desenvolve-se, sobretudo, a partir de 1925, quando parte para uma viagem de dois anos, na qualidade de representante do *Jornal da Europa*. De acordo com o próprio, no prefácio à obra *A derrocada do Império Vátua e Mousinho de Albuquerque*, tratara-se de uma «viagem exclusivamente jornalística, de inquérito e estudo à vida colonial e hábitos indígenas, para poder escrever algumas obras».

Entre 1925 e 1927, portanto, Quintinha visitou profissionalmente as colónias africanas portuguesas, assim como outros países do continente africano, incluindo o Egito, tendo publicado, assim que regressou a Lisboa, a partir de meados de 1927, as suas impressões dos lugares visitados em reportagens no jornal que patrocinou a viagem (*Jornal da Europa*) e posteriormente em três livros, a saber, *África Misteriosa* e *Oiro Africano*, os livros de 1928 e 1929 já mencionados, e *Terras do Sol e da Febre: Impressões do Congo Belga, Africa Equatorial Francesa, Transvaal, Nyasaland, Tanganyika, Zamzibar, Mombaça, Adem e Egipto*, de 1932 (figura 3).





Figura 3 – As obras de Júlio Quintinha sobre África, publicadas entre 1928 e 1932.

Infelizmente, não temos atualmente a possibilidade de ler os textos publicados no *Jornal da Europa*, visto não ter sido viável identificar em nenhuma biblioteca números deste jornal. No entanto, os livros de Quintinha chegaram até nós e neles é possível ver África pelos olhos do Autor. Quintinha era um defensor das «virtudes colonizadoras», mas, simultaneamente, era um crítico da forma como Portugal geria o seu território africano, por comparação com os restantes países colonialistas europeus, denunciando nas suas obras a exploração dos povos africanos. Considerava o «sistema de trabalho» (indigenato) praticado «incompatível com as legítimas e humanitárias aspirações sociais».

No livro de 1928 (*África Misteriosa*), onde reúne alguns dos textos antes publicados no *Jornal da Europa*, relata a viagem entre Lisboa e Lourenço Marques, com descrições e considerações detalhadas sobre cada uma das então colónias portuguesas da costa ocidental africana (paisagens, tipos humanos, vida social, riquezas, aventuras). Este livro conheceu um invulgar sucesso e tornou-se uma obra de referência da literatura colonial portuguesa, um «verdadeiro farol para a literatura colonial subsequente». No ano seguinte, saiu a obra *Oiro Africano*, para a qual o Autor reservou uma descrição mais alongada sobre Moçambique. O terceiro e último relato da sua viagem, de 1932, *Terras do Sol e da Febre*, já não é, como se percebe pelo subtítulo, dedicado às colónias portuguesas, mas às colónias de outros países europeus, incluindo o «legendário Egipto» (10), como lhe chama no prefácio (ou «Carta ao Leitor», como é denominado), à época sob domínio inglês. É sobre esta obra, mais concretamente sobre o seu último capítulo intitulado «O deslumbramento do Egipto» que nos vamos debruçar, pois é nestas páginas que Julião Quintinha nos descreve

o Egito que visitou em 1927, com particular ênfase para os monumentos do Egito faraônico que visitou no Cairo.

### ***Terras do Sol e da Febre: O deslumbramento do Egito***

Logo em 1929, na página 12 de *Oiro Africano*, Julião Quintinha inclui uma afirmação referente ao faraó Tutankhamon que resultou, certamente, daquilo que observara e aprendera no Cairo:

Toutan-Khamon, o mais requintado dos reis artistas que passou pela terra – alguns milhares de anos antes de Cristo, mandou cinzelar ataúdes de oiro em que seria sepultado, tendo encerrado no seu túmulo de Tebas uma infinidade de raras coisas maravilhosas trabalhadas no mais fino oiro – decerto teria mandado buscar dêsse precioso metal às minas da Etiópia, porque outras não existiam mais perto do Egipto.

Esta passagem, no essencial centrada na existência e exploração de recursos auríferos na Etiópia (= Núbia) pelo Egito de Tutankhamon, articula-se, por um lado, portanto, com a prévia visita de Quintinha ao Cairo e ao seu Museu Egípcio em 1927, por outro, com as impressões que disso deixou no livro de 1932 e, por fim, com a notícia de março de 1939, no jornal *República*. As sensações provocadas pelos artefactos do túmulo daquele faraó no Museu Egípcio deixaram uma marca indelével e duradoura no espírito e na escrita de Julião Quintinha.

O livro *Terras do Sol e da Febre* (publicado pela Editora Nunes de Carvalho), o quarto livro de Quintinha sobre África ou «inspirado em motivos africanos» (9)<sup>(3)</sup>, como reportagem em colónias não portuguesas, constitui um estudo histórico-geográfico-etnográfico-cultural elaborado segundo os ditames da cronística de viagens do início do século XX: «saber, saber tudo, para informar dignamente» (César 1971: 154) e aí surge, tal como o Autor escreve na «Carta ao Leitor», «como remate, (...) o supremo encanto do Egipto – a fascinação do deserto, as evocativas águas do Nilo, o deslumbramento da Esfinge, das mesquitas, dos museus do Cairo.» (14).

---

(3) «Quarto livro sobre África» na medida em que também o título *Derrocada do Império Vítua e Mousinho de Albuquerque* é sobre a África Oriental sob dominação portuguesa, embora sem a componente de reportagem associada aos outros três (*África Misteriosa*, *Oiro Africano* e *Terras do Sol e da Febre*).



Coerentemente, pois, com esta introdutória apresentação do volume, o capítulo dedicado ao Egipto é intitulado «O deslumbramento do Egipto», com 32 páginas (333-362). Pelo que nos é dito, a entrada de Quintinha em «o país de Cleópatra e dos Faraós» (333), vindo de Sul (de Adem, no Lémen, depois de ter estado em Zanzibar, na Tanzânia e em Mombaça, no Quénia), pelo mar Vermelho, é feita através do canal de Suez, no sentido Sul-Norte. Além do canal («a realização genial de Lesseps<sup>(4)</sup> – esse corredor rasgado na areia e onde se abraçam dois mares» – 335) e da frenética agitação do cais e da cidade de Suez «entre a floresta de mastros de navios de todas as partes do mundo, (...) uma cidade árida, encardida pelo carvão, [com] a massa parda dos seus armazens e depósitos, com grandes letreiros ingleses, (...) com arabes, negros sérios, funcionários egípcios e comerciantes europeus» (335-7), aquilo que suscita a primeira verdadeira nota de viagem é a fascinação pelo deserto no caminho de «quatro horas de viagem» (338), de automóvel, para o Cairo:

A aragem queima, e a areia trazida pelo vento vai-nos vergastando o rosto. Cai noite ao deserto, noite e silêncio, e todos nos concentramos neste mesmo pensamento que perturba intimamente – a fascinação do deserto, misterioso mar de areia iluminado pelo palor das estrelas (337).

O silêncio, a paisagem, a ansiedade, geram no Autor várias imagens e visões à medida que se aproxima do lendário e iluminado Cairo («golfo de luz, redemoinho de sensações» – 339), de que dá metuculoso conhecimento:

Caminho quási sonâmbulo, comovido e fascinado, para a cidade divinizada através das mais belas lendas, e ao meu espírito acodem visões do Nilo, imagens de Babilónia, de Cambyse, e Héoliopolis – os templos de Karnak e Thebas, todo o velho e novo Cairo a revelar-se, através dêsse esplendor... (339).

O novo Cairo (a «Paris do Oriente», como o apelida), com a sua vida cosmopolita, «mármore opulentos, cercados de jardins, palácios dos diplomatas e das altas personalidades da finança e funcionalismo

---

(4) «Lesseps» é Ferdinand Marie de Lesseps (1805-1894), o diplomata francês associado à criação do canal de Suez, unindo os mares Mediterrâneo e Vermelho, reduzindo substancialmente as distâncias a percorrer e o tempo para elas entre a Europa e a Ásia oriental.

(...), lindíssimas mulheres estrangeiras (...), graves senhores egípcios (...), criados árabes, índios, negros (...) brancos (...)» (339-40), e o velho Cairo (em que se destacam, «em silhueta formosíssima, os minaretes, as torres esguias das mesquitas, as varandas rendilhadas da Cidadela e dos tumulos dos Mameluks» – 340), impressivos nas suas imagens e evocações, não podiam estar ausentes das notas do recém-chegado, porém experimentado, viajante europeu. O misterioso encanto do Cairo é sentido, valorizado e anunciado pelo jornalista português: «Todo o velho Cairo perpassa no ar azul nocturno, qual cenário dum grande sonho ou miragem dum caleidoscópio deslumbrador» (340).

Igualmente incontornável na paisagem e nas impressões deixadas, o encanto do rio Nilo, «superior a toda a imaginação» (342), merece anotações ao algarvio que, dessa forma, presta a sua «homenagem romântica às águas do Nilo (...), contemplando a lua que se banha nas águas sagradas» (341-2):

Nas margens prendem-se barcas graciosas, deslisam pequenos botes de recreio, e sente-se leve ciciar de vozes falando em segredo, música de remos sobre as águas, aromas de roseiras e laranjais, tudo isto envolto no misterioso encanto que se evola do mais lendário dos rios (343).

Extasiado e aturdido com as sensações vividas no Cairo, Quintinha parece confundir os cenários e alude a personagens históricas que, na realidade, deixaram ecos indeléveis da sua existência, mas mais a norte, em Alexandria, e não no Cairo, cidade, aliás, ainda inexistente no século I a.C.:

Por mais banal que seja o tema, é inevitável neste lugar a visão de Cleópatra – e todos desejaríamos que qualquer génio da noite nos dissesse, agora, o lugar em que ela aqui esteve com Marco António, que sedução estranha era a das suas carícias, e por que motivo o cônsul trocara Roma pelos seus beijos... (342).

Não obstante o carácter utópico da descrição, ela tem a virtualidade de aludir a duas célebres personagens que comunicam facilmente com o leitor, que estão no seu imaginário, e que estão também fortemente relacionadas com o Egito longínquo e distante, no espaço e no tempo.

O «segredo da alma de Cleópatra» (343) e «os traços da sua beleza» (343) a que Quintinha alude na sua narrativa estabelecem imediato contacto com a memória histórica dos seus leitores e permite, logo de

seguida, uma abordagem mais ou menos moralizante sobre as mulheres estrangeiras no Cairo («árabes, sírias, do Sudão, da Argélia, francesas, russas, romenas» – 343), exibindo-se em «bailados perversos» (343), os «teatro-dancing» da capital egípcia, e sobre a prostituição aí praticada: «Que espectáculo miserável o dêesses antros onde homens, de todas as raças, agrupados, ou em bicha, esperam, em grandes salas, a vez de serem servidos nesse mercado ainda indispensável!...» (343).

Pela proximidade das referências narrativas à antiga rainha egípcia e à prostituição praticada, em 1927, no Cairo («Babilónia infecta» – 343), inconsciente ou conscientemente, Quintinha propaga a imagem tradicionalmente associada à rainha Cleópatra como meretriz, fruto de uma ativa e frutífera propaganda romana lançada ainda em vida da última rainha egípcia. A linha de pensamento de Quintinha é fácil de seguir, mas deriva de uma verdade apriorística que carece de fundamento histórico.

Se cedeu ao peso da tradição histórica de séculos acumulada em torno da figura de Cleópatra VII, Quintinha não resistiu também ao obrigatório passeio matinal para visitar as pirâmides de Guiza e a Grande Esfinge: «Daqui a momentos virão buscar-me para ir vêr as grandes Pirâmides no deserto da Líbia; e anseio por encontrar-me no local próprio onde viverei, durante alguns instantes, todo o mistério que se evola da pedra do terror, a eterna Esfinge.» (344).

Esta referência da página 344 de *Terras do Sol e da Febre* merece-nos um comentário particular, na medida em que sugere que o Autor se informou sobre a Esfinge e que obteve informação sobre a forma como era designada pelos Egípcios seus contemporâneos. De facto, em árabe, a Grande Esfinge de Guiza é conhecida como Abu el-Hol, isto é, «pai do terror», o que se ajusta perfeitamente à menção de Julião Quintinha que a designa como «pedra do terror». Trata-se de uma corrupção da expressão copta *bel-hit*, que se aplica a quem manifesta a sua inteligência pelos olhos, e que traduz a denominação egípcia *hu* ou *ju*, que significa «o guardião» ou «o vigilante».

Embora aparentemente não tenha consciência destas subtilezas das designações, Quintinha descreve depois a Grande Esfinge precisamente dentro do quadro de um verdadeiro guardião do deserto líbico, na altura ainda relativamente afastado da cidade do Cairo:

As Pirâmides de Guiseh, uma das principais atracções do turista, constituem o mais importante grupo de pirâmides do deserto da Líbia;

do Cairo ao famoso lugar onde elas se erguem é formosíssimo passeio de vinte quilómetros que, na vertigem do auto, nos deixa a impressão de filme maravilhoso (344-5).

Deliciado com a paisagem, com a pitoresca população e insistentes vendedores, com o mistério das ruínas e com os perfumes daquela manhã, Julião Quintinha transita entre o Cairo Velho e o bairro de Guiza, no Novo Cairo, com os seus «formosíssimos palácios de todos os estilos, mais parques e jardins de encantar.» (345).

O relato sobre a chegada à zona das pirâmides, após vinte quilómetros de «formosíssimo passeio» (345), é delicioso, pois Julião Quintinha regista a azáfama de condutores de camelos e candidatos a guias e o «assalto» dos furiosos vendedores. São três parágrafos de vividas emoções e comições que interessa conhecer:

Já se aproxima o deserto, fugiram-nos da vista os últimos jardins, passamos entre palmeiras e campos cultivados de algodão. No horizonte do areal imenso erguem-se, tomando vulto, as três pirâmides e a sua sombra envolve-me no seu mistério. Sem palavras, entrego-me à comição dominante. No meu pobre cérebro entrechocam-se visões, imagens de cinco mil anos de civilização...

Os automóveis param, começa o assalto dos condutores de camelos, dos guias, dos vendedores de pequenas estatuetas de argila e de alabastro, de pequenos escaravinhos e outros amuletos e diversas antiguidades... falsificações.

Parece que estão possessos de fúria de vender, estes árabes, que nos metem todas as bugigangas nas algibeiras, e tocam com as mãos trémulas no nosso dinheiro. E são autênticos ladrões. Um deles, depois de me impingir a eterna lenda sobre o valor do escaravinho – que faz com que possamos ressurgir, após a morte, para a vida eterna – apanhou-me meia libra por duas minúsculas estatuetas de argila reproduzindo esfinges de Thebas, e fugiu com a demasia. Dinheiro que lhes cai nas mãos não mais se vê. Nunca vi roubar com tal obstinação e tão convicto cinismo (346).

Verdadeira nota de reportagem que concede atenção às desenfreadas e impacientes movimentações e aos singulares expedientes dos vendilhões, este relato da chegada às pirâmides do Cairo revela-se para o Autor mais uma rica experiência multicultural de primeiro plano, exótica e sedutora, digna de registo, a associar a outras já por si vividas no porto de Suez e na viagem de carro entre este porto e o Cairo (335, 336 e 338)

ou a conhecer em Port Said (360), sobre o espetáculo do negócio e das suas tramóias em torno dos monumentos históricos e dos turistas, o mesmo é dizer das peculiaridades do turismo da época, mau grado as «falsificações» das bugigangas e a «falta de troco» do sagaz vendedor...

A visita ao planalto de Guiza é feita de camelo, como mandava o figurino turístico da época:

Salto para cima dum camelo para fazer a escalada do grande plateau de areia onde se erguem as pirâmides; por toda a parte vejo escavações de diversas missões inglesas e americanas, em pesquisa dos grandes túmulos subterrâneos onde se têm encontrado preciosidades como as de Tout-Ankh-Amon (346-7).

Apropriadamente, na página 321 do livro, como testemunho visual para a posteridade da passagem pelo Egito, é incluída uma fotografia de um conjunto de portugueses montados em camelos junto da Grande Esfinge de Guiza, com a Grande Pirâmide de Khufu em fundo, no qual se integrava o próprio Julião Quintinha. Não é, porém, possível identificar rigorosamente o Autor (figura 4).



Figura 4 – Foto legendada da página 321 de *Terras do Sol e da Febre*.

Se quisermos tomar como boas as referências de Quintinha às escavações arqueológicas conduzidas no planalto de Guiza («Por toda a parte vejo escavações de missões inglesas e americanas (...) onde se têm encontrado preciosidades como as de Tout-Ankh-Amon» – 347), então talvez se possa aludir aos trabalhos de George Andrew Reisner (1867-1942) e Alan Rowe (1891-1968), da expedição americana conjunta da Harvard University e do Boston Museum of Fine Arts que, pelo menos desde 1923, realizava trabalhos no local, designadamente no túmulo da rainha Hetepheres (G70000X), mãe do faraó construtor da Grande Pirâmide (Reeves 2000: 168, 170-1; Dawson, Uphill 1972: 244-5, 255). Esta passagem do livro de Quintinha é um pouco imprecisa e até ambígua, porque parece sugerir que o túmulo de Tutankhamon, descoberto cinco anos antes, se encontrara no planalto de Guiza, quando, de facto, tal achado ocorrera em Luxor ocidental, bem mais a sul, a cerca de 700 Km do Cairo. O que ele pretendia salientar era, certamente, que tal como essa descoberta do sul do Egito fora feita por uma missão inglesa (Howard Carter escavava sob subsídio de Lord Carnarvon), outras havia, americanas e inglesas, escavando em Guiza.

As descrições da Grande Pirâmide e da Grande Esfinge são acompanhadas de numerosos elementos e detalhes, obrigatoriamente recolhidos por Quintinha em algum título bibliográfico ou folheto turístico consultado, mas de que não nos dá qualquer informação. Sobre a Grande Pirâmide, escreve:

Estou, finalmente, em face da maior Pirâmide de Cheops, construída 3.700 anos antes de Cristo, por ordem de Cheops ou Chufo, para servir de derradeira morada; compõe-se de dois milhões e trezentos mil blocos de pedra, cada uma com mais de um metro cúbico e o peso de 2.540 quilos, sendo a sua altura actual superior a 137 metros. Diz-se que em tal construção se empregaram cem mil homens, trabalhando durante vinte anos. Perto ficam outras três pirâmides que serviam de túmulos à família do famoso Pharaó, todas elas mais pequenas, marcando a existência desses misteriosos sarcófagos reais (347).

Não se pode considerar a referência de Quintinha sobre a Grande Pirâmide um exemplo de rigor: apresenta dados genéricos relativamente corretos (número de blocos da construção, dimensão e peso médio de cada um, altura atual da pirâmide), tenta esboçar as duplas leituras onomásticas associadas ao faraó construtor da IV dinastia («Cheops» na



habitual designação latinizada e um «Chufu» onde se pode vislumbrar o egípcio Khufu...), mas erra na idade do monumento, colocando-o cerca de mais mil anos para lá da data efetiva da sua construção (c. 2600 a.C.). A indicação do número de trabalhadores e anos de construção parece resultar da informação fornecida por Heródoto e abundantemente reproduzida, mesmo em trabalhos académicos de final do século XIX / início do século XX: «Cem mil homens trabalhavam, continuamente, a cada trimestre. (...) Dez anos foi o tempo necessário para sua construção e das câmaras subterrâneas, na colina sobre a qual se erguem as pirâmides; (...) A própria pirâmide consumiu vinte anos de trabalho.» (Heródoto, História II: 125). No entanto, o jornalista nada revela sobre as suas «fontes»...

As «outras três pirâmides que serviam de túmulos à família do famoso Pharaó, todas elas mais pequenas» são uma referência direta às pirâmides adjacentes da Grande Pirâmide (lado oeste): G1a, da rainha Hetepheres, mãe de Khufu; G1b, da rainha Meritetis, meia-irmã e esposa de Khufu; e G1c, da rainha Henutsen, segunda ou terceira esposa de Khufu (Dodson, Hilton 2004; Grajetzki 2005; Tyldesley 2006). Também neste caso, o Autor não fornece mais nenhum elemento esclarecedor, não só sobre quem eram estes familiares de Khufu, como também sobre os materiais bibliográfico-literários que consultou para o afirmar.

O aspeto, porém, que Quintinha pretende realçar em relação à Grande Pirâmide não é tanto a grandeza e impacto da construção, indubitáveis para qualquer visitante, mas o duro trabalho, esforço e sacrifício dos trabalhadores que a edificaram (os «párias que tombam no anonimato»), que ele, erradamente, apelida de escravos:

Tudo isto é impressionante e grande, como grande deveria ter sido o poder dêsse Pharaó Cheops, cujo real capricho teve o condão de nos transmitir documentos eternos de assombrosa civilização. Mas o meu pensamento, neste mesmo lugar, vò para essa legião dos cem mil escravos que, durante vinte anos, curvaram o arcaboço e derramaram seu suor neste areal escaldante, para transformar em realidade o sonho do Pharaó. Jamais será possível alguma bela e perdurável obra na terra sem o concurso dos párias que tombam no anonimato – assim era 3.700 anos antes de Cristo, assim será eternamente. E dá-me vontade de gritar: Pirâmide de Cheops, que guardaste a múmia do defunto Pharaó, sem

o concurso dêses cem mil ignorados obreiros não poderia erguer-se a tua grandeza triunfal e eterna no deserto as Líbia, por maior que fôsse o poder dêsse rei, quasi semi-Deus! (347-8).

É a feição operária, republicana e democrática do algarvio a vir à tona, contrapondo ao incomensurável poder do faraó e à majestosa e imponente construção o árduo trabalho e o abnegado contributo de milhares de ignorados homens do passado.

Sobre a Grande Esfinge, o relato de Quintinha segue praticamente os mesmos traços encontrados na descrição da pirâmide de Khufu: o fascínio pelo monumento, os elementos cronológicos e numéricos sobre ele e o sentido simbólico-enigmático que se lhe associa. Em dois parágrafos, Quintinha fornece-nos esta detalhada descrição-impressão:

Eis-me agora – suprêma fascinação! – ante a famosa Esfinge, a pedra do terror, ainda indecifrável enigma para os sábios. Pedra monstruosa, representando um animal com a face humana, ninguém sabe, ao certo, o que significa, nem porque foi construída. Ela é o grande mistério que paira no deserto e, em frente da monstruosa maravilha, o homem emudece, e formula, melancolicamente, esta muda interrogação: Mas, afinal, que queres tu significar esfinge silenciosa, enigma cruel?!...

Parece averiguado que foi construída 3.000 anos antes de Cristo; mede 20 metros e 13 centímetros de altura; a maior largura do rosto é de 4 metros e 14 centímetros; cada orelha 1 metro e 37 centímetros de largura; o nariz tem o comprimento de 1 metro e 70 centímetros; e a bôca rasga-se numa extensão de 2 metros e 30 centímetros. Tal é o lindo monstro de pedra, cujo exacto sentido simbólico está por desvendar (348-9)<sup>(5)</sup>.

Quintinha insiste, sobretudo, no carácter simbólico e enigmático da Grande Esfinge, cujo significado desconhece, o que, não obstante, pela forma como é relatado, tem o sortilégio de aumentar ainda mais o fascínio do leitor pelo «lindo monstro de pedra», cujas colossais dimensões (genericamente corretas) apresenta para seu conhecimento. O vetor cronológico apontado volta a merecer reparo, devendo a sua elaboração ser corretamente colocada em torno de 2500 a.C.

---

(5) A Grande Esfinge de Guiza é a maior de todas as esfinges egípcias e uma das mais antigas. O rosto representa o faraó Khafré, da IV dinastia (o construtor da segunda pirâmide do planalto).

Curiosamente, Quintinha nada diz sobre o tipo de pedra (calcário), nem sobre o comprimento da Grande Esfinge (vertente do monumento particularmente visível...), que se cifra em torno dos 73 metros. Nada nos diz sobre como e onde recolheu os informes que disponibiliza, embora registe que inquiriu «homens egípcios», «guias e intérpretes» e «árabes condutores de camelos», sem, todavia, obter mais do que sorrisos misteriosos, poucas explicações e mesmo algum terror (349). Ainda assim, um deles ter-lhe-ia dito que «a Esfinge representa o deus Harmachis» (349), o que é rigorosamente correto<sup>(6)</sup>.

O jornalista também não nos informa sobre como teve conhecimento do «sonho de Tutmés IV» (faraó da XVIII Dinastia, na viragem do século XV para o XIV a.C.), a que alude e de que a estela (justamente conhecida como «Estela do sonho») entre as patas da Esfinge (ainda hoje no local) guarda registo:

Diversas vezes a Esfinge tem estado quási soterrada sob as invasões da areia que a ameaçam constantemente. E a tal respeito conta-se a lenda seguinte: Um dia, andando o Pharaó Thouthmés IV a caçar, com os seus amigos, no deserto da Líbia, e sentindo-se fatigado, foi repousar alguns momentos à sombra da Esfinge. Adormeceu profundamente e sonhou que ela lhe pedia para a libertar e defender da areia que a ameaçava, oferecendo-lhe, em troca, o reino do Egípto. Thouthmés, ao acordar e recordando-se do sonho, mandou imediatamente afastar a areia, e, mais tarde, foi aclamado rei do Egípto.

Em memória do sonho mandou colocar, entre as patas da Esfinge, uma estela de granito contendo a inscrição onde está escrita tão interessante lenda (349).

Não descartamos a hipótese de Quintinha ter lido *A Relíquia* (1887) de Eça de Queirós, onde este descreve as peripécias do português Teodorico Raposo pelas terras egípcias e onde há alusões à Grande Esfinge, ou até *O*

---

(6) No Império Novo, a Grande Esfinge de Guiza foi realmente associada ao deus Harmachis / Horemakhet, «Hórus do horizonte». Como estátua, a Esfinge transmite a ideia feita imagem de um soberano-deus dominador e poderoso, aliando a inteligência humana à força bruta animal, que protege o cemitério real atrás de si. Foi esta ideia de força ameaçadora e assustadora associada à Esfinge de Guiza que estará subjacente à designação *Abu el-Hol*, em árabe, ou seja, «pai do terror» (Sales 2015: 400, 401). Ver também Malheiro (2006: 17-48).

*Egipto. Notas de Viagem* de Eça de Queirós, publicadas postumamente por José Maria d'Eça de Queirós, filho do escritor, no ano anterior, 1926, pela Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, no Porto, e que também descrevia a Grande Esfinge. No entanto, Eça de Queirós não menciona em nenhuma das suas obras o sonho de Tutmés IV, a respetiva estela e a ação de recuperação patrimonial da Grande Esfinge que empreendeu na Antiguidade (Sales 2015: 372, 373, 400,401; Araújo 1987: 15-17; 2002: 13). Onde se baseou o nosso narrador e o que consultou para a sua narrativa é-nos completamente desconhecido.

Há, em todo o trabalho descritivo do planalto de Guiza, um facto que nos surpreende: a ausência de referência específica, detalhada, às outras duas grandes pirâmides do planalto, ou seja, à pirâmide de Khafré e à pirâmide de Menkauré. Parece que o Autor, uma vez entrado no recinto das pirâmides, eventualmente pela área junto à Grande Pirâmide, a terá contornado a leste, montado no seu camelo, com as pequenas pirâmides das mulheres da família real à sua esquerda, descendo depois para junto da Grande Esfinge. Ainda assim, era impossível não ter visto as outras duas grandes pirâmides do planalto. O que é certo é que não as mencionou detalhadamente no seu relato de visita.

Depois de visitar as pirâmides e a Esfinge de Guiza, elementos destacados do património do Egito faraónico, a atenção de Quintinha volta-se para o Egito islâmico, também bem patente no Cairo, isto é, para as antigas e modernas mesquitas da capital egípcia, considerando-as «valiosos monumentos musulmanos» a visitar, «que só por si dariam um livro encantador» (350). Dá-nos, pois, uma rápida resenha sobre as que visitou: a mesquita de El-Ahmar ou mesquita vermelha (século XV), a mesquita do Sultão Hassan (século XIV), a mesquita de Amr Ibn el Assi, a mais antiga (século VII), e a mesquita de Mohamed Ali, a mais recente (século XIX) e a que, como ele expressamente indica, «de perto e mais detalhadamente pude admirar» (351), pois as restantes foram-lhe «mostradas sem sair do automóvel, enquanto o guia, maquinalmente, ia contando histórias» (350). Sobre cada uma, apresenta alguns dados considerados histórica ou arquitetonicamente importantes (altura dos minaretes, personagens ligadas à edificação ou nelas sepultados, etc.), eventualmente como «nota de reportagem» suscetível de interessar e agradar ao público leitor.

Sobre a mesquita de Mohamed Ali, edificada na cidadela de Saladino (a que Quintinha chama «Saladim, o famoso adversário dos

cruzados» – 353), sobre qual diz liminarmente «Esta mesquita, duma severa imponência, reduz o homem a proporções insignificantes. Duma sumptuosidade austérra (...) – tudo um deslumbramento» (352), fornece mais pormenores (arcadas de alabastro, altos e graciosos minaretes, candelabros de cristal, lâmpadas de bronze cinzelado, embutidos dos mosaicos, etc.), mencionando, por exemplo, a praxe obrigatória de descalçar os sapatos «para que a poeira do mundo profano não maculasse as pedras sagradas» (352). Embora aluda à fonte de abluções, é de estranhar, a ausência de referência à torre do relógio de cobre rendilhado oferecido, em 1845, a Mohamed Ali Pachá, pelo rei francês Luís Filipe, mesmo diante da entrada da mesquita. Eça de Queirós, por exemplo, refere-se a esta torre, embora sem grande entusiasmo: «Num dos lados da colunata, alarga-se, pesada, fastidiosa, quadrada, burguesa, uma torre colorida a negro e ouro, onde mostra o seu quadrante imbecil um relógio enviado por Luís Filipe» (Queirós 1926: 10, 11)<sup>(7)</sup>.

Como o hodierno turista, Quintinha, num gesto repetido ao longo dos tempos por milhões de indivíduos, espreitou também das varandas da Cidadela as magníficas vistas do Cairo:

Depois da visita à mesquita, demorei-me alguns minutos debruçado sobre uma das varandas da Cidadela, donde se disfruta o soberbo panorama do velho e novo Cairo, as margens do Nilo, todo o horizonte que se perde no deserto da Líbia. E tal miragem, que me deixou no espírito a sensação dum belo sonho, ressuscitou ante meus olhos alguns dos mais empolgantes quadros da história do Egipto (353).

Apesar de não ser uma ilustração perfeita desta paisagem observada do cimo da Cidadela, Julião Quintinha fez questão de incluir na página 305 do seu livro uma imagem do Cairo, legendada como «Um aspecto da cidade do Cairo» (figura 5). Os dois apontamentos fotográficos incluídos em *Terras do Sol e da Febre* auxiliam o leitor na captação das descrições narradas, ilustrando-as, e, ao mesmo tempo, estimulando a imaginação, a fantasia e o sonho no espírito desses leitores.

---

(7) Ver fotos da mesquita de Mohamed Ali (pátio com fonte de abluções e torre do relógio, cúpula interna, candelabros de cristal), todas de finais do século XIX e, portanto, muito próximas daquilo que Julião Quintinha teria encontrado (Araújo 2002: 168-172).



Figura 5 – Foto da página 305 de *Terras do Sol e da Febre*.

Depois de uma digressão pelo bazar oriental do velho bairro de Khan el Khalili, Quintinha visita o «mais belo museu do Cairo» (354), ou seja, o museu egípcio, «o mais famoso do mundo» (354), fundado, como ele refere, em 1857, por Auguste Mariette-Pachá<sup>(8)</sup>. O jornalista tem consciência que era inviável descrever tudo o que se encontrava no museu e, por isso, escreve:

Todas as maravilhas que contém, a maior parte documentos da elevada civilização egípcia, datando de quatro e cinco mil anos antes da era de Cristo, não se podem descrever num capítulo, porque dariam imensos livros do maior interesse. A visita ao museu toma aspecto duma peregrinação a lugar sagrado, e passamos comovidamente, silenciosamente, ante as estátuas de mármore, de granito, de madeira, as legendas e frisos esculpidos ou pintados, onde avultam os emblemas e ornatos egípcios (355).

---

(8) O museu fundado por Mariette ficava em Bulak. O museu que Quintinha viu em 1927 é o que se encontra, desde 1900 até aos dias de hoje, na Midan Tahrir («Praça da Liberdade»), num edifício, como ele diz, «de estilo greco-romano» (354).



Claro que, na sua seleção de referências, Quintinha não podia omitir Tutankhamon, o faraó da moda, após a descoberta do seu túmulo por Howard Carter, cinco anos antes, e cujos objetos, «recentemente trazidos do seu túmulo no vale dos Reis, em Thebas»<sup>(9)</sup>, ocupavam as salas do primeiro andar: «Em face deste tesouro, onde o requinte iguala a riqueza, e o supremo bom gosto ultrapassa a mais audaciosa e delicada imaginação, todos os pregoeiros da arte contemporânea têm de curvar-se e reconhecer a supremacia dessa outra, para sempre eterna, superior civilização» (355-6). Trata-se de um rasgado e eloquente elogio à antiga civilização egípcia e aos maravilhosos artefactos descobertos no túmulo de Tutankhamon que Quintinha aqui proclama.

Em 1932, no último capítulo do livro *Terras do Sol e da Febre*, Julião Quintinha afirma, no fundo, em relação a Tutankhamon e ao museu egípcio do Cairo, o mesmo que fará sete anos mais tarde na notícia de 24 de março de 1939 no *República (Série II)*: considera Tutankhamon «o mais sagrado e poderoso de todos os reis do Egipto» (356), destaca o seu sarcófago (sem esquecer de aludir à morte de Lord Carnarvon devido «à magia negra contida no sarcófago real» - 356) e escreve pela primeira vez no livro aquilo que depois repetirá na notícia de 1939:

Tentar pálida descrição, resumida reportagem, é quasi impossível tarefa para um jornalista. Imagine o leitor: centenas de vitrines cheias de joias esquisitas, em que refulgem todas as pedrarias preciosas, as mais lindas pérolas, los mais raros rubis, esmeraldas, safiras e diamantes, engastes em ouro, marfim, em madeiras perfumadas, em coralinas – e tudo isto nos mais estranhos modelos de braceletes, anéis, colares, milhares de objectos de uso desconhecido e complicado (356-7).

Não é apenas esta parte do texto de 1932 que Julião Quintinha reutiliza em 1939. De facto, os últimos três parágrafos do texto jornalístico de 24 de março de 1939 surgiam já no capítulo final «O deslumbramento do Egipto» de *Terras do Sol e do Fogo*:

---

(9) No seu texto, Julião Quintinha data com precisão a exposição dos objetos: «Os objectos que vieram de Thebas, e enchem algumas salas do museu, estão expostos desde 1 de dezembro de 1926, e constituem das mais belas coisas do mundo – sem dúvida o mais belo espectáculo de arte que me foi dado admirar» (356).

A peça mais rica que se expõe nas salas é a que está na vitrine 29, o terceiro ataúde que continha a múmia do rei. É de ouro maciço, cinzelado interior e exteriormente, a tampa representando Tut-ankh-Amon figurado de Osiris, os braços cruzados sobre o peito, e ao redor do busto, preciosamente esculpidas, todas as divindades do alto e baixo Egípto, com a maior beleza e esplendor.

Este ataúde de ouro estava encerrado em outro de madeira preciosa, com entalhamentos dourados no mesmo estilo, que se encontra exposto na vitrine 36. O primeiro ataúde, que guardava aqueles, ainda se encontra em Thebas no Vale dos Reis.

Outras peças soberbas a citar: a máscara de ouro maciço que cobria o rosto da múmia real, duma beleza incomparável, que dizem ser a fisionomia do próprio rei; um grande leito funerário, de madeira esculpida coberta de ouro, repousando sobre animais fantásticos; e o trono real, em madeira também trabalhada, com ricas decorações de ouro e pedras preciosas...

Ao sair do museu, em contacto com o ar livre, tem-se a impressão de despertar dum sonho... (358).

A «infinitude de objectos para uso íntimo do rei» (357) expostos no museu, nos mais variados materiais («sândalo, ouro, marfim, alabastro, cobre, bronze, lapis-lazuli» – 357), tudo foi visto e valorizado pelo jornalista português que não se coíbe de elogiar vezes sem conta tais maravilhas, tal faraó e tal museu: «tudo para além, muito para além, do mais fantástico sonho, da mais prodigiosa imaginação. Que rei artista e poeta, que homem estranho e único deveria ter sido esse Tut-Ankh-Amon, cujo rastro de beleza de tal modo assombra os nossos dias!» (357-8); «Alguns dias depois da minha saída do Cairo, em pleno Mediterrâneo, êste museu do Egípto ainda exercia no meu pensamento a mesma fascinação.» (358-9).

De tudo o que viu no Cairo, foi certamente o conjunto de artefactos artísticos do túmulo de Tutankhamon o que mais perdurou na memória do representante do *Jornal da Europa*. O resto, como ele reconhece, «não será mais do que um belo sonho.» (360).

## Conclusão

Como já foi escrito, Julião Quintinha teve quatro paixões: a República, os livros, África e o jornalismo (Marques 1971: 160). No domínio do

jornalismo, pertenceu a uma escola em que o vivido, o experienciado, contava sobremaneira. Tendo palmilhado, sentido e vivido a África, sobretudo a partir de 1925, deixou nos seus livros documentação expressiva dessa filosofia e conceção. No que se refere aos testemunhos registados sobre a capital do Egito no último capítulo de *Terras do Sol e da Febre*, sobressai a descrição que faz do seu museu e dos tesouros de Tutankhamon que não hesitou em voltar a utilizar outra vez na notícia de 24 de março de 1939: mais de metade deste texto é uma repetição substantiva ou integral das cinco páginas e meia (354-9) que lhes dedicou no seu livro de 1932.

Habitado ao mundo das letras e do jornalismo, Quintinha terá, seguramente, feito algumas leituras preparatórias, prévias à sua viagem ao Egito ou durante a mesma, que o ajudaram a enquadrar e compreender melhor os monumentos históricos que visitava e as personagens históricas a que estavam associados. Os elementos que fornece sobre alguns deles (Grande Pirâmide, Grande Esfinge, mesquitas islâmicas) só podem resultar da consulta e do compulsar de obras mais ou menos especializadas sobre essas temáticas. Sobre elas, porém, o Autor não fornece nenhuma informação. Mas a escrita do jornalista português é feita de vivência e observação direta no Cairo, e tem, por isso, o sortilégio e o fascínio das crônicas de viagem e no que ao Egito antigo diz respeito (Cairo faraónico e islâmico) foi capaz de reconhecer o seu extraordinário contributo civilizacional e cultural, sem rodeios nem preconceitos. O Egito que se colhe em *Terras do Sol e da Febre*, sobretudo o faraónico que mais nos interessa, mesmo com uma ou outra imprecisão ou cedência ao rigor numa ou noutra passagem ou pormenor, é um Egito positivo, quase idílico e idealizado, onde o Outro de outras cronologias e geografias é alvo de elogios, de glória e de deslumbramento, que levam o jornalista do *Jornal da Europa* a acreditar que África tinha ainda muito para dizer: «A Esfinge Negra não falou ainda, e a sua voz, que terá o clamor angustiado de cento e noventa milhões de bôcas, atroará o mundo no momento em que a velha Europa queimar as últimas energias da sua decrepitude gloriosa.» (362).

Sendo um dado cultural de extrema relevância, quer no caso do Cairo faraónico, quer do islâmico, surpreende que no seu retrato Julião Quintinha não dedique mais espaço e atenção à dimensão religiosa, sobretudo do tempo dos faraós. Uma referência fugidia a Osíris, outra a Harmachis e a mera inclusão do nome de Amon no nome do faraó

Tutankhamon e é tudo. Fica a sensação que nas suas impressões o dado religioso não esteve no centro do seu «inquérito jornalístico» e interpretativo dos quadros existenciais e organizacionais da vida do Egito antigo e contemporâneo. Ainda assim, brindou os vindouros com um apaixonante relato de viagem ou ofereceu, como ele diz: «todo um sonho convertido em realidade» (14).

## Bibliografia

- Araújo, Luís Manuel (1987). *Eça de Queirós e o Egito faraónico*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- « – » (2002). *Imagens do Egito queirosiano. Recordações da jornada oriental de Eça de Queirós e o conde de Resende*. Vila Nova de Gaia: Solar Condes de Resende.
- César, Amândio (1971). “Na morte de Julião Quintinha”, in *Novos Parágrafos de Literatura Ultramarina*. Braga: Sociedade de Expansão Cultural.
- Dawson, Warren R., Eric P. Uphill (1972). *Who was who in Egyptology*. London: The Egypt Exploration Society.
- Duarte, Maria João Raminhos (2010). *Silves e o Algarve: uma história de oposição à ditadura*. Lisboa: Colibri.
- Dodson, Aidan, Dyan, Hilton (2004). *The complete royal families of Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- Grajetzki, Wolfram (2005). *Ancient Egyptian Queens. A Hieroglyphic Dictionary*. London: Golden House Publications.
- Lisboa, Eugénio coord. (1994). *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. Vol. III. Lisboa: Instituto do Livro e da Leitura/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro/ Publicações Europa-América.
- Malheiro, Pedro de Abreu (2006). “A Esfinge de Guiza. Indagação do seu significado e função no contexto do Império Antigo”, *ARTIS – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*, nº 5. Lisboa: Universidade de Lisboa, 17-48.
- Marques, Maria da Graça Maia (1997). “A ‘Alma Algarvia’ de Julião Quintinha”, in *IV Jornadas de Silves*. Silves: Associação de Estudos e Defesa do Património histórico-Cultural do Concelho de Silves, 159-182.
- Quintinha, Julião (1928). *África Misteriosa: crónicas e impressões duma viagem jornalística nas colónias da África portuguesa*. Lisboa: Portugal Ultramar.

- « – » (1929). *Oiro africano: crónicas e impressões duma viagem jornalística na África Oriental portuguesa*. Lisboa: Portugal Ultramar.
- « – » (1932). *Terras do Sol e da Febre: Impressões do Congo Belga, Africa Equatorial Francesa, Transvaal, Nyasaland, Tanganyka, Zamzibar, Mombaça, Adem e Egípto*. Lisboa: Casa Editora Nunes de Carvalho.
- Quintinha, Julião, Francisco Toscano (1930). *A Derrocada do Império Vátua e Mousinho de Albuquerque*. Lisboa: Portugal Ultramar.
- Queirós, Eça de (1926). *O Egípto. Notas de Viagem*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- Reeves, Nicholas (2000). *Ancient Egypt. The Great Discoveries. A year-by-year chronicle*. London: Thames & Hudson.
- Rego, António da Silva (1959). “A Agência-Geral do Ultramar e os concursos de Literatura Ultramarina”, *Estudos Ultramarinos – Literatura e Artes*, Vol. 8, Número 3. Lisboa: Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, 195-203.
- Rodrigues, Flávia Arruda (2011), “Oiro Africano: uma ferramenta da dominação do Estado Novo Português”, *Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC*. Curitiba: UFPR, 7 pp (sem paginação numerada).
- Sales, José das Candeias (2015). “O lusitano Teodorico e o alemão Topsisius no Oriente ou em torno da camaradagem luso-alemã n’A Relíquia de Eça de Queirós”, in *Política(s) e Cultura(s) no antigo Egípto*. Lisboa: Chiado Editora, 367-409.
- Tyldesley, Joyce (2006). *Chronicle of the Queens of Egypt from early dynasties times to the death of Cleopatra*. London: Thames & Hudson.

